

**ORDEM DE CONSTITUINTES, CONTEÚDO DE TRAÇOS-PHI E MUDANÇA  
GRAMATICAL NO PB**

**Jânia Martins Ramos  
Fábio Bonfim Duarte  
(UFMG)**

**1. INTRODUÇÃO**

Este artigo examina a realização morfossintática do sintagma possessivo em Português à luz da variação paramétrica que se observa num conjunto muito variado de línguas quanto às posições sintáticas que dois DPs, o DP<sub>possuidor</sub> e o DP<sub>possuído</sub>, podem ocupar no interior dessas construções. Em geral, o que se observa é que o DP<sub>possuidor</sub> pode figurar tanto antes quanto depois do DP<sub>possuído</sub>, conforme se vê nos dados das línguas abaixo.

DP POSSUIDOR ANTEPOSTO AO DP POSSUÍDO

Húngaro [Gavruseva, 2000:749]

- (1) *a Mari-∅ vendég-e-∅*  
a Mari-NOM convidado-POSS-3SG  
“o convidado de Mari”

Tenetehára [Duarte, 2003:36]

- (2) *karaiw r-eko-haw*  
branco POSS-lugar-NOML  
“lugar de homem branco”

- (3) *karaiw r-âpyz*  
branco POSS-casa  
“casa de homem branco”

Inglês [Gavruseva, 2000:761]

- (4) Peter's book  
“o livro de Peter”

Dutch [Gavruseva, 2000:761]

- (5) *Jan-s auto*  
Jan-POSS **carro**  
“o carro de João”

- German [Gavruseva, 2000:761]  
 (6) *Peter-s hunde*  
 Peter-POSS cachorros  
 “os cachorros de Peter”

DP POSSUIDOR POSPOSTO AO DP POSSUÍDO

- Norwegian [Gavruseva, 2000:761]  
 (7) *bok-en hans*  
 livro-o seu  
 “o livro seu”

- Tzotzil [Gavruseva, 2000:751]<sup>1</sup>  
 (8) *s-p'in li Maruch-e*  
 3-pote o Maruch-ENC  
 “o pote de Maruch”

- Chamorro [Gavruseva, 2000:753]  
 (9) *i kumpliaños-ñai Impiradót*  
 o aniversário-3SG o imperador  
 “o aniversário do imperador”

Os dados do Português sinalizam para a possibilidade de ocorrência do DP<sub>possuído</sub> anteposto ao DP<sub>possuidor</sub>, ordem [POSSUÍDO-POSSUIDOR], conforme os dados mostrados em (10)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Aissen (1996, apud Gavruseva (2000:751)) explica que possuidores em forma de NPs lexicais em regra seguem o possuído, de sorte que não podem vir em posição anteposta ao possuído, conforme abaixo:

- (i) \**[li Maruch] s-p'in [t] .....-e*  
 the Maruch 3-pot .....-ENC  
 “Maruch’s pot”

<sup>2</sup> Em Português, existe ainda a possibilidade de o DP<sub>possuído</sub> vir posposto, ordem [POSSUIDOR-POSSUÍDO], conforme os dados em (i) e (ii). Esta última opção envolve sempre a realização morfológica do possuidor por meio de um dos seguintes pronomes possessivos: meu/minha; teu/tua; seu/sua, nosso/nossa; vosso/vossa; seus/suas.

- (i) o meu livro.  
 (ii) o teu livro.

### Português

- (10a) o livro do João.  
(10b) \*o João livro

Contudo, além da possibilidade de ordenação observada nos dados em (10), Miguel (1996) constata outras maneiras de instanciação da relação de posse, as quais se dão por meio da construção [aNP NP], exemplos (11a) e (12a), acompanhada, ou não, de um clítico<sub>possuidor</sub>, exemplos (11b) e (12b).

- (11a) [PE] [\*PB] Cresceu o cabelo ao Manoel. (MIGUEL 1996:116, ex.41)  
(11b) [PE] [\*PB] Cresceu-lhe o cabelo a ele.  
(11c) [PE] [PB] Cresceu-lhe o cabelo.

- (12a) [PE] [\*PB] A Maria conhece os defeitos ao Carlos (MIGUEL 1996:130, ex.81)  
(12b) [PE] [\*PB] A Maria conhece-lhe os defeitos a ele  
(12c) [PE] [PB] A Maria conhece-lhe os defeitos

Tomando por base as diferentes maneiras de manifestação da relação de posse no interior do sintagma possessivo no Português e nas línguas examinadas em (1) a (9), este trabalho tem por objetivo buscar uma resposta para as seguintes questões:

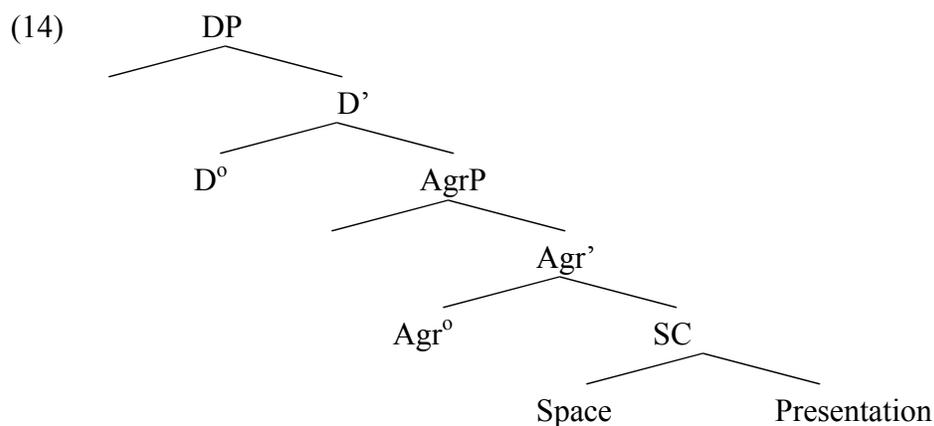
- (13a) Qual é a estrutura do DP nos sintagmas possessivos?  
(13b) Haverá uma estrutura de base inicial, comum a todos sintagmas possessivos?  
(13c) Quais são os traços morfossintáticas responsáveis pela variação na ordem sintática entre o DP<sub>possuidor</sub> e o DP<sub>possuído</sub>? Seria essa uma variação paramétrica?

Este texto está organizado da seguinte maneira: na seção (2), apresentamos a estrutura do DP adotada por Castillo (2001), e propomos que a variação na ordem dos constituintes no interior dos sintagmas possessivos está diretamente correlacionada à natureza denotacional do traço-phi [PESSOA] que o núcleo de AgrP carrega; defenderemos que este traço seja então reconhecido como um feixe de traços, cujo conteúdo semântico pode incluir [PESSOA (POSSUIDOR)] e [PESSOA (POSSUÍDO)]; na seção (3), analisamos os dativos de posse no eixo do tempo no Português Brasileiro e verificamos ter ocorrido uma

mudança gramatical, que pode provisoriamente ser descrita como queda no uso de DPs possessivos introduzidos pela preposição [a], cuja conseqüência foi o contraste exibido em (11a) e (12a) no PB atual; na seção (4) defendemos que essa mudança resulta de uma alteração do valor do traço-phi [PESSOA] de Agr interna ao DP; na seção (5), propomos que o traço-phi [PESSOA] realiza-se no núcleo D<sup>o</sup> nas construções com o clítico dativo de posse.

## 2. ESTRUTURA DO DP

Em nossa análise, acompanharemos a proposta de Szabolcsi (1983, 1994), Kayne (1993), Hornstein et al (1994) e Uriagereka (1996) sobre a estrutura interna dos sintagmas possessivos, de maneira que assumiremos que o DP<sub>possuidor</sub> é gerado na posição de SPEC de uma mini-orção nominal<sup>3</sup>, cujo núcleo permanecerá não lexicalmente realizado.



Quanto ao conteúdo de Agr, há duas propostas na literatura. Uriagereka (1996), adotando a estrutura proposta por Szabolcsi/Kayne, propõe que [SPEC, AGRP] checa um traço formal referencial [+R], checável por qualquer membro da relação-R, isto é, qualquer um dos DPs que compõem a mini-orção, sendo R uma relação estabelecida noutro lugar. Esse lugar seria a mini-orção sem núcleo, selecionada por Agr. A segunda proposta é

<sup>3</sup> Sobre a integração das propostas citadas e justificativas, ver Castillo (2001).



De acordo com Gavruseva (2000:758), línguas como o Húngaro, o Tzotzil e o Chamorro precisam licenciar a posição de especificador do DP como uma posição na periferia esquerda do sintagma determinante (=an escape hatch position), a qual é necessária para permitir a extração do DP possuidor para fora do domínio funcional D/AgrP. Essa predição, por sua vez, implica que, nessas línguas, Agr seja sempre um núcleo flexional rico o suficiente para permitir elevação do DP<sub>possuidor</sub>, primeiro para Spec-AgrP e depois para Spec-DP, antes de se efetuar sua elevação para fora da sentença nominal em razão de expedientes como topicalização. Notem que o DP<sub>possuidor</sub> em (15a) pode ser extraído porque tem acesso à posição periférica de especificador de DP, posição essa propriamente regida por V.

Gavruseva (2000:765) observa ainda que, em línguas [+EXTRACTION]<sup>4</sup>, como o Húngaro, o núcleo Agr interno ao DP replica os traços-phi correspondentes à [PESSOA] e [NÚMERO] do DP<sub>possuidor</sub>, situação que, em geral, engatilha o movimento do DP<sub>possuidor</sub> para Spec-AgrP, para que haja a verificação do traço-phi ininterpretável [*u*F] de Agr<sup>5</sup>. Esta é a

<sup>4</sup> Table I: Parametric differences in the specification of Agr/D and D

Language	The content of Agr	The content of D	Extraction	
German	[+Gen]/[+Dat] (person/number/gender) no 'possessor agreement'	'weak' Q-feature	No	
Hungarian Tzotzil Chamorro	[+Nom] (person/number) 'possessor agreement'	'strong' Q-feature	Yes	

(Apud Gavruseva, 2000: p.765)

<sup>5</sup> Conforme Gavruseva (2000:765), “*the availability of possessor movement to SpecDP correlates with the richness of Agr, namely its specification as [+person/+number] and its ability to trigger 'possessor' agreement*”

situação, por exemplo, do sintagma possessivo do Húngaro, em (1), repetido abaixo como (17a).

- Húngaro [Gavruseva, 2000:749]  
 (17a) *a Mari-∅ vendég-e-∅*  
 o Mari-NOM convidado-POSS-3SG  
 “o convidado de Mari”

Conforme Gavruseva, o núcleo Agr<sup>o</sup> do sintagma possessivo é preenchido morfologicamente pelo D/NP<sub>possuído</sub>, e carrega os traços-phi ininterpretáveis [*u*PESSOA] e [*u*NÚMERO], que deverão ser checados pelo DP<sub>possuidor</sub>. Em termos técnicos, diremos que esses traços, por serem ininterpretáveis [*u*F] em Agr<sup>o</sup>, precisam de verificação contra os traços-phi interpretáveis [*i*F] do DP<sub>possuidor</sub> antes de Spell-Out. Dessa maneira, o DP<sub>possuído</sub> move-se para núcleo de AgrP e o DP<sub>possuidor</sub>, como precisa receber Caso, sobe para Spec-AgrP, permitindo assim que ocorra a verificação dos traços de concordância de Agr<sup>o</sup> e a atribuição de Caso nominativo ao DP<sub>possuidor</sub><sup>6</sup>. Essa análise leva a autora a propor o movimento do DP<sub>possuidor</sub> para o núcleo. Usando o mesmo diagrama em (14), temos então a derivação da sentença nominal (17a) como indicado em (17b).

- (17b) [DP ...[D *a* [<sub>AgrP</sub> *Mari-∅* [<sub>Agr</sub> *vendég-e-∅* [<sub>PredNP</sub> *t*<sub>possuidor</sub> [<sub>PredN</sub> *t*<sub>possuído</sub> ]]]]]]
- 

Pela derivação em (17b), notamos que o DP<sub>possuidor</sub> carrega os traços-phi necessários para apagar o traço-phi ininterpretável do DP<sub>possuído</sub> que está situado no núcleo de AgrP e o DP<sub>possuidor</sub> traz o traço de Caso. Portanto, ambos os traços são verificados quando se dá o

<sup>6</sup> Para Gavruseva (2000:757), “the Agr/D heads (...) share a set of phi-features, namely, [+person] and [+number]. Since these phi-features are [-interpretable], they need to be checked by the matching [+interpretable] features associated with the possessed NP. I suggest that the checking is done via head adjunction of the possessed noun to Agr/D in overt syntax. As suggested in Chomsky (1995), overt syntactic movement should have morphological reflex. (...) the case feature is checked via raising of the possessor NP to the Spec of Agr/D.”

compartilhamento do traço-phi interpretável [*i*F] do DP<sub>possuidor</sub>, em Spec-AgrP, contra o traço-phi ininterpretável [*u*F] do DP<sub>possuído</sub> que se localiza em Agr<sup>o</sup>. Uma pergunta que se pode fazer é: por que o DP<sub>possuído</sub> precisa se mover para o núcleo de AgrP? Por que o traço POSS não pode ser checado na relação SPEC-HEAD, quando o DP<sub>possuído</sub> se move para SPEC de AgrP?

Há ainda um segundo tipo de sintagma possessivo, oposto ao que se observa no Húngaro, que corresponde tipologicamente ao exibido pelas línguas germânicas. No Alemão, por exemplo, o DP<sub>possuidor</sub> também situa-se em Spec-AgrP, enquanto o núcleo Agr<sup>o</sup>, em vez de ser preenchido pelo DP<sub>possuído</sub>, vem realizado morfologicamente por um item (pronominal) possessivo. O curioso nessas construções é o fato de o pronome possessivo que ocupa AGR<sup>o</sup> estabelecer concordância visível em [PESSOA] com o DP possuidor que está em Spec-D/AgrP, e em [NÚMERO] e [GÊNERO] com D/NP possuído que permanece interno à mini-orção. Consideremos as derivações propostas nos exemplos (b) abaixo.

ALEMÃO [GAVRUSEVA:2000:762-763]

(18a) *dem Vater seine Mutter*  
 o-DAT pai seu-NOM-SG-FEM mãe  
 “o pai de sua mãe”

(18b) [DP [D *dem* [AgrP *Vater*<sub>k</sub> [Agr *seine* [sc t<sub>k</sub> *Mutter*]]]]



The diagram shows a horizontal line connecting the word 'Mutter' to the word 'Vater\_k'. An upward-pointing arrow starts from the middle of this line and points to 'Vater\_k', indicating movement from the object position to the specifier position.

(19a) *dem Vater seine Bücher*  
 o-DAT pai seus-NOM-PL livros  
 “os livros de seu pai”

(19b) [DP [D *dem* [AgrP *Vater*<sub>k</sub> [Agr *seine* [sc t<sub>k</sub> *Bücher* ]]]]]



The diagram shows a horizontal line connecting the word 'Bücher' to the word 'Vater\_k'. An upward-pointing arrow starts from the middle of this line and points to 'Vater\_k', indicating movement from the object position to the specifier position.

Os dados acima mostram haver uma dupla relação de concordância nos sintagmas possessivos do Alemão. Por um lado, a atribuição de Caso dativo dá-se na relação SPEC-NÚCLEO por meio do compartilhamento entre o traço-phi [PESSOA] do DP<sub>possuidor</sub> e do traço-phi [PESSOA] e [GÊNERO] do pronome possessivo. Por outro lado, o pronome possessivo efetua compartilhamento apenas dos traços-phi [GÊNERO] e [NÚMERO] com o DP<sub>possuído</sub>.

Se tivermos em conta o DP que ocupa a posição SPEC de AgrP, o fato de o Caso realizar-se no DP<sub>possuidor</sub> e não no DP<sub>possuído</sub> constitui boa evidência a favor de se propor que o tipo de Caso checado (nominativo/dativo/genitivo)<sup>7</sup> tem a ver com a concordância de [PESSOA] entre o DP<sub>possuidor</sub> e AGR<sup>0</sup>, um traço não interpretável, e é por isso que o D/NP possuidor vai para SPEC-AGRP. Dessa maneira, o que os dados do Alemão e do Húngaro sugerem é que Caso será atribuído ao DP que puder checar o traço-phi ininterpretável [PESSOA(POSSUIDOR)] do núcleo Agr<sup>0</sup>. Esse DP corresponde ao DP<sub>possuidor</sub> que se situa em SPEC-AGRP, no alemão e no Húngaro.

Contudo, além das possibilidades de ordenação acima, existe ainda um terceiro tipo de sintagma possessivo, o qual é muito característico das línguas românicas, pois exhibe o DP<sub>possuído</sub> em SPEC-AGRP, em vez do DP<sub>possuidor</sub>. Esta é a situação nos dados do Português e do Italiano abaixo. Notem que nesses contextos o DP<sub>possuído</sub>, em regra, precede as preposições funcionais *de* e *di*, cuja função principal é realizar o Caso genitivo/dativo.

(20) o livro do João.

(21) livro dele.

(22) il desiderio di Gianni. (Longobardi, 1991:66)

---

<sup>7</sup> Nota-se que o tipo de Caso a ser atribuído por AGR<sup>0</sup> varia de língua para língua. No alemão e no Húngaro, por exemplo, AGR<sup>0</sup> atribui Caso nominativo; já, no Português e em outras línguas românicas, este Caso é o genitivo/dativo que é atribuído pelas preposições [*de*] e [*di*].

(23) la descrizione di Gianni. (Longobardi, 1991:67)

Tomando por base os dados das línguas examinadas acima, a questão que se coloca para nossa análise é saber se podemos encontrar uma explicação que dê conta de maneira geral e uniforme, das variações paramétricas quanto à ordem do [POSSUIDOR] e do [POSSUÍDO] nos sintagmas possessivos. Nessa linha de raciocínio, a tese que iremos desenvolver é de que a variação paramétrica está diretamente relacionada ao tipo de traço-phi [PESSOA] que as categorias funcionais DP e AgrP apanham quando são retiradas do léxico e inseridas na derivação. Assim sendo, postularemos que o traço-phi [PESSOA] corresponde, no final das contas, a dois subtipos de traço-phi, os quais rotularemos graficamente como sendo o subtraço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)] e o subtraço-phi [PESSOA (POSSUÍDO)]. Pode ser que, além dos subtraços [POSSUIDOR] e [POSSUÍDO], o traço-phi [PESSOA] seja constituído também de outros subtraços, como os subtraços [AGENTE], [EXPERIENCIADOR], [TEMA], [PACIENTE/AFETADO], [INSTRUMENTO], etc, os quais podem ser concebidos como diferentes instanciações, nos D/NPs, do traço-phi relacionado à PESSOA. Em suma, a variação paramétrica quanto à ordem sintática que o DP possuidor e o DP possuído podem ocupar no interior dos sintagmas possessivos fica assim reduzida a qual subtraço-phi [PESSOA] contém  $D^0/AGR^0$ . Com base nessa proposta, ficamos assim em condições de explicitar a razão por que o  $DP_{\text{possuído}}$  pode figurar à esquerda do  $DP_{\text{possuidor}}$ , ordem [POSSUÍDO-POSSUIDOR], nos sintagmas possessivos do Português e do Italiano, em (20) a (23). Mais precisamente propomos que (i) a preposição *de* e *di* é inserida em Agr; (ii) carrega o traço-phi [PESSOA (POSSUÍDO)]; e (iii) por carregar o traço-phi [PESSOA (POSSUÍDO)], o qual é [-INTERPRETÁVEL] em  $Agr^0$ , engatilha deslocamento do  $DP_{\text{possuído}}$

para SPEC-AGRP, de maneira a permitir que haja verificação deste traço numa relação local entre o DP<sub>possuído</sub> e a preposição. Para tanto, propomos a derivação em (24b) abaixo.

(24a) o livro do João.

(24b) [<sub>AGRP</sub> o livro<sub>possuído</sub> [<sub>Agr</sub> de<sub>possuído, Caso-genitivo</sub> [<sub>sc</sub> o João<sub>Caso-genitivo</sub> t<sub>i</sub>]]]].

Notem que a derivação em (24b) pressupõe que o DP<sub>possuído</sub>, embora suba para SPEC-AGRP e verifique o traço-phi [POSSUÍDO] de AGR, não recebe Caso (genitivo) a partir da preposição, visto que quem recebe esse Caso é o DP<sub>possuidor</sub> que está interno à mini-oração. Desse modo, defenderemos aqui que as possíveis razões para a não atribuição de Caso genitivo ao DP<sub>possuído</sub> estão relacionadas a dois fatos, a saber:

- (i) a transmissão de Caso (dativo/genitivo ou nominativo) ao DP que figura em SPEC-AGRP será possível somente se AGR for dotado do traço-phi [PESSOA(POSSUIDOR)];
- (ii) quando o traço-phi [PESSOA(POSSUIDOR)] não estiver presente em AGR, a atribuição de Caso (genitivo/dativo) dá-se à distância, por meio da relação Head-Complement.

Veja-se que, com essa proposta, conseguimos captar uma interessante diferença paramétrica em relação ao traço-phi que pode figurar em AGR. Assim, em línguas como o Alemão e o Húngaro, AGR carrega o traço-phi [PESSOA(POSSUIDOR)], fato que justifica o movimento sistemático do DP<sub>possuidor</sub> para SPEC-AGRP nos sintagmas possessivos, conforme se vê nos exemplos (1) a (6). Já, em línguas ou construções que exibem a ordem [POSSUÍDO-POSSUIDOR], como nas línguas Românicas, Agr é dotado do traço-phi [PESSOA (POSSUÍDO)], situação que engatilha o deslocamento do DP<sub>possuído</sub> para SPEC-AGRP. Veja que implícita a essa análise está a idéia de que o núcleo AGR possui traço de Caso (nominativo, genitivo ou dativo) a atribuir ao DP que estiver em seu Spec se for dotado do traço-phi [PESSOA(POSSUIDOR)]. Todavia, se o traço-phi disponível em AGR for [PESSOA(POSSUÍDO)],

a transmissão do Caso (genitivo) ocorre à distância por meio da relação HEAD-COMPLEMENT, que se estabelece entre as preposições funcionais ‘de/di’ e o DP<sub>possuidor</sub> que se situa interno à mini-orção nominal, como é a situação do Português e do Italiano em (20) a (24).

Acompanhando a proposta acima, nas próximas seções vamos tomar como objeto construções em que a preposição “a” realiza-se como núcleo de AGR. Acompanhando Uriagereka (1996), vamos supor que a preposição “a” é spell-out de AGR, e, diferentemente de “de/di”, contém o subtraço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)].

### 3. DATIVOS DE POSSE NO EIXO DO TEMPO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Um levantamento quantitativo das seqüências com DP<sub>possuidor</sub> introduzido pela preposição “a” mostra um perfil de queda na história do Português Brasileiro. Pode-se datar como quarto quartel do século XIX o momento em que tais construções deixaram de ocorrer. Veja-se a tabela 1, abaixo.

Nesse processo de mudança três etapas ou estágios podem ser verificados, se tivermos em conta a ordem dos DPs envolvidos na relação de posse: [DP<sub>possuidor</sub> DP<sub>possuído</sub>] ou [DP<sub>possuído</sub> DP<sub>possuidor</sub>], e a distância entre eles. Para a formação do corpus foram coletadas estruturas com um único verbo inacusativo, mais exatamente o verbo “fugir”. A razão desse recorte foi evitar que diferenças lexicais interferissem na amostragem. O corpus compõe-se de anúncios de jornal do século XIX<sup>8</sup>.

Na primeira etapa eram freqüentes enunciados com DP<sub>possuidor</sub>, acompanhado, ou não, de clíticos, na periferia esquerda, não contíguo ao DP<sub>possuidor</sub>.

---

<sup>8</sup> Anúncios editados por GUEDES, Marymárcia E BERLINCK, Rosane (orgs)(2000). Estes dados fazem parte de um corpus mais amplo, coletado pela equipe do *Projeto Para a História do Português Brasileiro*, coordenado pelo Prof. Ataliba Castilho.

- (25) **Ao Tenente Coronel** fugiu-**lhe** hum escravo creoulo chamado Silverio (1829)  
 (26) **A Rodrigo Joze Ferreira Bretas** fugiu **Ó** em dias no mez próximo passado um escravo de nome (...) não natural.( 1838)

Na segunda etapa do processo, a ordem [DP<sub>possuidor</sub> DP<sub>possuído</sub>] passa a ocorrer à direita do verbo, e os DPs são contíguos, como em (27).

- (27) Fugio no dia 26 do corrente mez **aDemetrio da Costa do Nascimento** um|escravo de nome Joaquim, cabinda, ida-|de 38 annos mais ou menos, estatura bai-|xa, gordo, e tem principios dos officios|de pedreiro, e surrador: Quem o apre-|hender e levar a seu senhor no Bexiga|será gratifficado(1853).

No terceiro estágio, a seqüência [aDP<sub>possuidor</sub> DP<sub>possuído</sub>] deixa de ocorrer, quer contígua ou não. Uma nova construção surge: [DP<sub>possuído</sub> pertencente aDP<sub>possuidor</sub>]. Configura-se aqui uma nova estrutura gramatical: o DP<sub>possuído</sub> passa então a ocorrer à esquerda de aDP. Veja-se que a inserção do item [pertencente] altera sintaticamente a estrutura. O sintagma aNP já não mais pode ser duplicado por [**lhe**]. Consideremos os exemplos abaixo.

- (28) Fugirão dous escravos **pertencentes ao Alferes Antonio Pinto Mascarenhas** com os signaes seguintes: (1870)  
 (29) \*Fugirão-**lhe** dous escravos **pertencentes ao Alferes Antonio Pinto Mascarenhas** com os signaes seguintes  
 (30) \*Fugirão-**lhe** dous escravos **pertencentes Ó**

Ainda nesse estágio, dois tipos de ocorrência chamam a atenção. O primeiro é que DP<sub>possuidor</sub> passa a ser introduzido pela preposição “de”, como em (31), abaixo. O segundo é a duplicação inusitada de “de DP” por “**lhe**”, como em (32), uma vez que na língua portuguesa apenas NPs introduzidos por [**a**] são passíveis de duplicação com o clítico “**lhe**”.

- (31) Fugiu **de Bento Laurindo de Castro, morador no | Asonguy, districto da Capella, curato de Vetuverava,** um | escravo de nome Benedicto,(PR,1854).

- (32) **Do Alferes José Fernandes d'esta Cidade**| fugio-**lhe** a 5 mezes uma mulata escura de nome| Joaquina idade 24 annos altura ordinaria, feições| miudas, cabelo encanotado, olhos pequenos e muito| vivos; quem d'ella tiver noticia, e entregar a seu| dono receberá as alviças (SP,29.10.1929).

É muito importante ressaltar que os enunciados (31) e (32) poderiam ser identificados como testemunhas de uma transição entre duas gramáticas: estariam indicando a complementação de uma mudança em que um DP<sub>possuidor</sub>, introduzido por [a], era licenciado à esquerda do DP possuído. A distribuição das ocorrências em quatro momentos de tempo aparece na tabela (1).

Tabela 1: Distribuição das construções com verbo inacusativo no tempo real.

Construções	1826-1850		1851-1875		1876-1900		Total
	No.	%	No.	%	No.	%	
[ a DP <sub>possuidor</sub> (X) V (X) NP <sub>sujeito</sub> ]	18	40	08	25%	01	16,62	32
[ (X) V a DP <sub>possuidor</sub> NP <sub>sujeito</sub> ]	13	29,5%	05	16,1	01	16,6	19
[ NP <sub>sujeito</sub> <b>pertencente a</b> DP <sub>possuidor</sub> ]	00	00	00	00	02	100	02
V inacusativo sem possessivo	23	34,4	19	38	08	58	50
Total	67		50		16		133

A tabela (2), abaixo, mostra o crescimento das construções com “de DP<sub>possuidor</sub>” e a queda de “a DP<sub>possuidor</sub>”. Notem que, nesse período, as construções com o clítico dativo de posse apresenta o mesmo perfil de [aDP<sub>possuidor</sub>].

Tabela 2: Distribuição das construções de posse no tempo real.

Tipos de Construção	1826-1850		1851-1875		1876-1900	
	No.	%	No.	%	No.	%
[ aDP <sub>possuidor</sub> ]	31	69,5	13	41,1	01	33,2
[ <b>lhe</b> <sub>possuidor</sub> ]	07	15,9	01	3,2	00	00
[ <b>de</b> DP <sub>possuidor</sub> ]	13	29,5	18	59	04	66,8

Um exemplo de cada construção é fornecido nos dados abaixo.

- (33) **A Antonio José de Babo Broxado mo-|rador na Villa de Ytú**, fugio ha quasi um| anno um negro crioulo de idade de 50 an-|nos pouco mais ou menos, alto, magro,| com um dedo do pé cortado, e tem muitos| cabelos brancos (1828)

- (34) Ao Tenente Coronel fugiu-**lhe** hum escravo creoulo chamado Silverio (1829)

- (35) **Fugiu de Bento Laurindo de Castro, morador no | Asonguy, districto da Capella, curato de Vetuverava, um | escravo de nome Benedicto,**(PR,1854).

Embora o número de dados analisados seja reduzido, um levantamento em um corpus mais amplo, reunindo 1240 ocorrências, confirma esse perfil (Ver Barros, 2005). Com base na análise quantitativa acima e na proposta teórica formulada na seção anterior, para explicar a variação na ordem do par  $DP_{\text{possuidor}}$  e  $DP_{\text{possuído}}$ , buscamos, nas duas próximas seções, estudar o estatuto morfossintático da preposição [*a*] nestas construções, e também as propriedades denotacionais da categoria  $AGR^0$  em construções com o clítico de posse.

#### 4. PROPRIEDADES DE AGR NOS SINTAGMAS POSSESSIVOS [aDP DP]

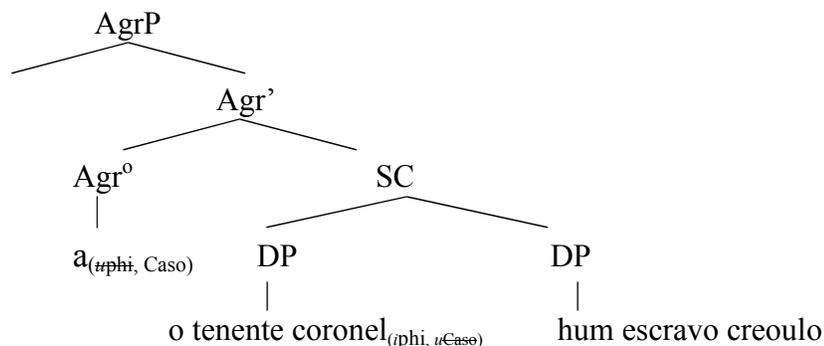
Os dados diacrônicos do Português Brasileiro, apresentados na seção anterior, nos fornecem uma boa evidência de que havia alçamento do  $DP_{\text{possuidor}}$  para fora da construção possessiva, situação muito semelhante da que ocorre, por exemplo, no Húngaro, conforme exemplo em (15), em que é comum o deslocamento do  $DP_{\text{possuidor}}$  para uma posição na periferia esquerda da sentença. Essa situação pode ser particularmente notada no exemplo (34), repetido abaixo como (36).

- (36) [Ao Tenente Coronel]<sub>i</sub> fugiu-**lhe** [ t<sub>i</sub> hum escravo creoulo chamado Silvério].  
(1829)

Conforme sugerimos no final da seção 2, nossa hipótese é que a preposição “a”, em construções possessivas, realiza-se como núcleo de  $AGR$  e carrega o subtraço- $\phi$  [PESSOA (POSSUIDOR)]. Nessa linha de investigação, uma possibilidade é de a ordem do sintagma possessivo ocorrente em (36) ser gerada a partir de uma etapa derivacional em que a

preposição ocupa o núcleo de AgrP e o DP possuidor figura em posição de Spec da mini-orção nominal. Assim sendo, proporemos a derivação em (37) abaixo, em que a preposição “a” atribui o Caso dativo ao DP possuidor “o tenente coronel”, com o qual realiza a verificação do traço-phi ininterpretável.

(37)

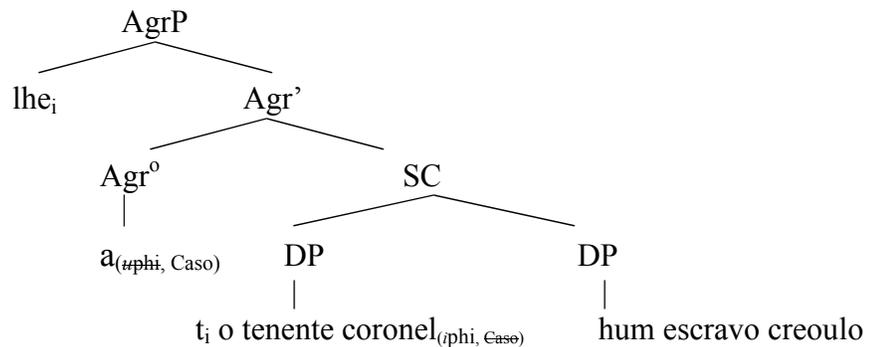


Uma questão que teremos de responder é a razão pela qual a atribuição de Caso (dativo) não se dá por meio da elevação do sintagma possuidor para Spec-AgrP, muito embora, na derivação proposta em (37),  $AGR^{\circ}$  codifique o subtraço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)], situação que mostra que o Português exibe uma possibilidade paramétrica distinta daquela disponibilizada em línguas como o Húngaro e o Tenetehára, em que, quando  $AGR^{\circ}$  carrega o subtraço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)], o sintagma possuidor se move para Spec-AgrP.

Uma possível resposta a essa questão pode ser encontrada se propusermos que  $AGR^{\circ}$  possui traço EPP fraco, o que permite que sua posição de Spec permaneça vazia em certos contextos. Contudo, podemos ainda estipular que essa posição pode às vezes vir preenchida lexicalmente por um XP possuidor de natureza clítica, como nos contextos em que o sintagma possuidor é duplicado pelo clítico [**lhe**], conforme se vê no exemplo em

(36) acima. Nessa linha de investigação, uma possibilidade é propormos que o clítico seja a instanciação lexical do subtraço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)] em Spec-AgrP, conforme a configuração em (38) abaixo.

(38)



Se essa análise estiver correta, precisaremos explicar adicionalmente a razão pela qual o clítico de fato nunca aparece em Spec-AgrP na sintaxe visível. Uma possível justificativa pode ser encontrada se estipularmos que ele se move para fora do AgrP, para buscar apoio fonológico junto ao verbo, figurando em ênclise na sentença (36). Por sua vez, outra questão que surge é saber como era possível nos dados do século XIX o alçamento tanto da preposição quanto do DP<sub>possuidor</sub> para fora da construção possessiva, precisamente para uma posição na periferia esquerda da oração em virtude de expedientes como topicalização, conforme se vê na sentença (36), repetida abaixo como (39).

(39) [Ao Tenente Coronel]<sub>i</sub> fugiu-**lhe** [ t<sub>i</sub> hum escravo creoulo chamado Silvério].  
(1829)

Uma maneira de respondermos a essa questão é então argumentarmos que, quando o DP possuidor se movia para a posição inicial de sentença, ele levava junto a preposição “a”. Isto seria possível porque a preposição “a”, ao possuir propriedades morfossintáticas similares às propriedades dos clíticos, fundia-se ao artigo, aparecendo, por essa razão,

proclítico ao artigo que encabeça o DP possuidor. Veja que o movimento de todo o conjunto [a+o tenente coronel] para posição inicial de sentença seria possível porque o clítico [**lhe**] também se movia para fora da construção possessiva, permitindo assim que a preposição e o sintagma possessivo cruzassem a posição de Spec-AgrP, antes de mover-se para a posição inicial, sem causar violação à condição de minimalidade. Esta derivação pode ser visualizada como em (40).

- (40) [<sub>TopP</sub> a+o Tenente Coronel] [<sub>IP</sub> fugiu-**lhe**] [<sub>VP</sub> t<sub>v</sub> [<sub>AgrP</sub> ← **lhe**] [<sub>Agr</sub> a → [<sub>SC</sub> ~~a+o Tenente Coronel~~ hum escravo creoulo].

Já, na terceira etapa do percurso de mudança, verificamos que a ordem [aDP<sub>possuidor</sub> DP<sub>possuído</sub>] deixa de ser licenciada, o que parece refletir que o núcleo Agr, conteria agora o subtraço-phi [PESSOA(POSSUÍDO)], estabelecendo, dessa vez, compartilhamento de traço-phi com o DP<sub>possuído</sub>. Notem que a preposição selecionada para preencher o núcleo de Agr seria “de”, e não mais a preposição “a”. Aqui ter-se-ia uma nova gramática para as construções possessivas. Os falantes da nova gramática, ao deparar com seqüências [DP<sub>possuído</sub> de DP<sub>possuidor</sub>], não mais teriam a opção de poder elevar o DP<sub>possuidor</sub> para fora da construção possessiva, como a descrita em (40). Vamos assumir que a mudança paramétrica ocorrida na gramática do Português reflita a reanálise do subtraço-phi de AGR, o qual passou de [PESSOA (POSSUIDOR)], no início do século XIX, para [PESSOA (POSSUÍDO)] no atual estágio. Essa mudança afeta também a ordem sintática dos constituintes que passa de [ aDP DP] para [DP de DP]. Uma interessante evidência de que AGR realmente tem seu subtraço-phi alterado de [PESSOA(POSSUIDOR)] para [PESSOA(POSSUÍDO)] pode ser buscado no fato de, na terceira etapa do processo diacrônico, o sintagma aNP vai ocorrer em construções do tipo [NP<sub>possuído</sub>+pertencente + a NP<sub>possuidor</sub> ],

em que é clara a alteração do subtraço-phi. Este fato pode ainda ser mais observado pelo dado abaixo em que o DP<sub>possuído</sub> [dous escravos] situa-se à esquerda da preposição “a”, numa relação de concordância com o adjetivo.

- (41) Fugirão dous escravos **pertencentes ao Alferes Antonio Pinto Mascarenhas** com os signaes seguintes (...) (1870)

Notem que o adjetivo “pertencente” carrega justamente o subtraço-phi [PESSOA (POSSUÍDO)], no interior da construção possessiva, o que vem confirmar nossa hipótese de que AGR passa a ser dotado do subtraço [PESSOA(POSSUÍDO)].

## 5. PROPRIEDADES DE D/AGR NAS CONSTRUÇÕES COM O CLÍTICO DATIVO DE POSSE

Esta seção tem por objetivo fornecer uma explicação para a derivação do sintagma possessivo em que o DP<sub>possuidor</sub> se manifesta por meio dos clíticos de posse, a saber: *me, te, lhe, nos, vos, lhes*. Nesse sentido, agrupamos os dados que farão parte de nossa análise em três subconjuntos: (i) os que ocorrem com verbos transitivos; (ii) os que ocorrem com verbos intransitivos inacusativos e (iii) os que se distinguem entre aqueles em que o marcador de posse clítico vem explícito e aqueles em que esse marcador é vazio. Além disso, notou-se uma grande necessidade de o DP, a partir do qual o clítico se move, ter sempre o importe configuracional [+ESPECÍFICO] e [+REFERENCIAL], conforme mostram os exemplos abaixo.

### COM VERBOS TRANSITIVOS

- (42a) A mãe cortou as unhas dele.  
(42b) A mãe cortou-lhe as unhas.  
(42c) A mãe cortou as unhas.  
(42d) \* A mãe cortou-lhe unhas<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Esse contraste foi apontado por Mário Perini, em comunicação pessoal, conforme registrado por Barros (2005).

- (43a) Viu sua filha
- (43b) Viu-lhe a filha.
- (43c) \*Viu-lhe filha.

COM VERBOS INACUSATIVOS

- (44) Faltava-lhe a última arma.
- (45) Apontem-se-lhe os seguintes caracteres típicos
- (46) Passaram-se-lhe todas informações.
- (47) Secaram-se-lhe as flores.

Uma das questões que a análise precisa determinar é até que ponto as propriedades denotacionais [+REFERENCIAL], [+ESPECÍFICO] da categoria D<sup>o</sup> estão correlacionadas ou não ao licenciamento da interpretação possessiva do subtraço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)] e à atribuição de Caso dativo ao clítico. Que os traços [+REFERENCIAL], [+ESPECÍFICO] parecem mesmo ser importantes para se obter a interpretação possessiva, i.e. [+POSSUIDOR], é notado pela impossibilidade de ocorrência de marcador (possessivo) vazio, conforme vemos no exemplo (42d) e (43c). Neste contexto, verifica-se que o DP, a partir do qual o clítico se move, deve ser sempre introduzido por um determinante, caso contrário a sentença torna-se degradada. Tanto isto é verdade que, quando há ausência da categoria D<sup>o</sup>, e temos apenas o NP nu, a interpretação de [+POSSUIDOR] não pode ser obtida, e a derivação não pode ser atingida, conforme os dados (48) e (49).

- (48) \*Viu-lhe filha.
- (49) \* A mãe cortou-lhe unhas.

Vemos ainda que o clítico figura em adjunção ao verbo temático, uma posição visivelmente distinta daquela em que, de fato, recebe interpretação semântica (i.e. papel- $\theta$ ) e daquela posição estrutural em que recebe Caso dativo. Por isso, uma possibilidade é assumirmos que o clítico sempre aparece numa posição derivada, acima do DP. Contudo, a análise precisará responder à seguinte pergunta:

- (50) *Quais são as razões pelas quais o clítico figura em adjunção ao verbo e não interno ao D/NP?*

Outra questão que a análise terá de buscar é por que o clítico figura, em geral, com verbos inacusativos e transitivos, e nunca com verbos inergativos. Tomando por base esse fato, formularemos a seguinte hipótese preliminar, a saber:

- (51) *O clítico de posse só pode ser movido a partir de um DP que seja o complemento do verbo leve (ligh verb), em geral o argumento interno, mas nunca a partir do DP que figura na posição de argumento externo do v-VP, por essa razão ele só poderá ocorrer em adjunção a verbos transitivos e inacusativos.*

Se esta previsão for mesmo confirmada, então, a sintaxe do clítico de posse servirá de evidência adicional a favor da hipótese inacusativa [cf. Burzio (1986), Levin e Rappaport (1995), dentre outros]. Assim sendo, as construções com o clítico de posse constituirão mais um importante diagnóstico para se determinar quando um determinado verbo monoargumental é inacusativo ou inergativo em Português.

Nas próximas seções, retomamos esses pontos procurando esboçar uma análise da derivação das estruturas de posse com clítico.

### **5.1. A MANIFESTAÇÃO DO TRAÇO- $\phi$ i [PESSOA (POSSUIDOR)] EM $D^0$**

O que os dados em (42) a (47) sugerem é que há uma íntima relação entre o importe [+/-REFERENCIAL, +/-DEFINIDO] do DP e as estratégias de indicação de posse por meio do clítico dativo e do marcador vazio. Conforme Barros (2005:27), “*é condição determinante, como atestam os dados, que o NP esteja acompanhado de algum determinante ou, em outros termos, que o clítico alce a partir de um DP para que possa haver cliticização. A extração a partir de um sintagma nuclear é extremamente restrita...*”. Tomando por base essa observação, a hipótese que desenvolveremos aqui é a de que o artigo, mais especificamente a categoria  $D^0$ , em Português, manifesta dois traços: um ininterpretável

[*uF*], ligada à interpretação de posse do DP, que estamos a considerar neste trabalho como sendo o subtraço-phi [*uPESSOA(POSSUIDOR)*] conforme se vê nos exemplos em (52a), (53a), (54a) e (55a) e outro interpretável [*iF*], provavelmente ligado ao importe [+/-REFERENCIAL, +/-DEFINIDO] do DP, ao qual referirei como sendo [*iD*]. Pensamos que o movimento do clítico está diretamente relacionado à maneira como esses traços interagem entre si durante a derivação. Observa-se que a agramaticalidade das sentenças em (52b), (53b), (54b) e (55b) parece estar justamente relacionada à inexistência desses traços na categoria DP.

(52a) A mãe cortou-lhe as unhas.

(52b) \*A mãe cortou-lhe unhas.

(53a) A mãe cortou as unhas.

(53b) \*A mãe cortou unhas.

(54a) Viu-lhe a filha.

(54b) \*Viu-lhe filha.

(55a) Viu a filha.

(55b) \*Viu filha.

Dessa maneira, proporemos que o traço ininterpretável presente em D<sup>o</sup> corresponde à instanciação do traços-phi [PESSOA (POSSUIDOR)]. Portanto, a hipótese que aventaremos é a de que o traço responsável pelo importe [+/-REFERENCIAL, +/-DEFINIDO] constitui o traço interpretável [*iD*] no DP. Possivelmente, a estratégia com o clítico de posse e com o marcador vazio reflita assim as diferentes posições em que o traço-φ [PESSOA (POSSUIDOR)] aparece nas estruturas sintáticas do PB. Em construções com os possessivos meu/minha; teu/tua; seu/sua, conforme exemplos abaixo, o traço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)] não seria realizado na categoria D<sup>o</sup>, mas na categoria funcional AgrP/PossP.

(56) João beijou [<sub>DP</sub> as [<sub>POSSP</sub> suas [<sub>NP</sub> mãos]]].

Que o traço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)] não precisa ser realizado em D<sup>o</sup> nas construções de posse com os pronomes possessivos pode ser notado pelo fato de o artigo poder vir omitido da estrutura, sem causar agramaticalidade para a sentença, conforme mostra (57) abaixo.

(57) João beijou [<sub>POSSP</sub> suas [<sub>NP</sub> mãos]]].

Veja que (57) contrasta com as sentenças em (52a) a (55a), uma vez que, nestas últimas, o artigo tem de estar realizado.

Veja que a análise esboçada até aqui aponta para o fato de que o mecanismo que engatilha o deslocamento do clítico para fora do DP pode estar associado à verificação do traço-phi não interpretável [<sub>u</sub>PESSOA (POSSUIDOR)] que D<sup>o</sup> possui. Nessa linha de investigação, suponhamos que o clítico<sub>possuidor</sub> também entre na numeração com dois traços: um ininterpretável [<sub>u</sub>F] possivelmente relacionado a Caso (dativo), o qual é avaliado e apagado quando se combina com o traço interpretável [<sub>i</sub>D] de D<sup>o</sup>; e outro ininterpretável que é a contraparte interpretável<sup>10</sup> do traço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)] necessário para apagar o traço-phi não interpretável [<sub>u</sub>PESSOA (POSSUIDOR)] de D<sup>o</sup>. Veja que esta proposta estipula dois pares de traços, um par para o clítico e outro par para a categoria D<sup>o</sup>. Em cada par, haverá então um traço formal interpretável e outro ininterpretável. Notem que a existência de um traço ininterpretável [<sub>u</sub>F] em cada par é a condição exigida para que haja (i) a operação AGREE e (ii) deslocamentos visíveis de categorias sintagmáticas para outras

---

<sup>10</sup> Conforme Adger (2003:211-212), “*since the function of Case features is to regulate the syntactic distribution of nominal phrases, rather to mark any special semantic properties, we will assume that they are uniformly uninterpretable. Case features have the usual properties of uninterpretable features: they must be checked and they are not related to any special semantics.(....)*”

posições durante a derivação sintática<sup>11</sup>. Nessa linha de investigação, suponhamos que é este conjunto de fatores relacionados à interpretabilidade do traço-phi [PESSOA (POSSUIDOR)] em D<sup>o</sup> e do traço de Caso no clítico que vai engatilhar o deslocamento dos clíticos<sub>possuidores</sub>, durante a derivação das construções com o dativo de posse. Por conseguinte, estipulemos que o clítico da sentença [*João lhe beijou as mãos*] seja derivado da seguinte maneira.

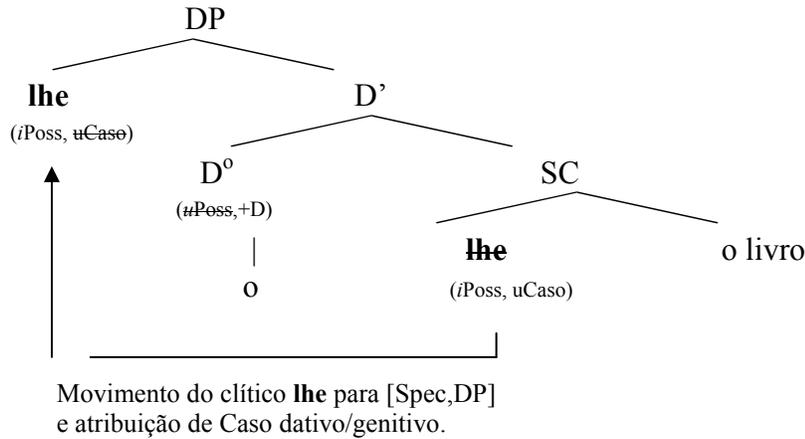
- (58) o clítico é gerado como argumento da mini-oracção, local onde recebe a interpretação semântica de [+PESSOA (POSSUIDOR)]; e entra na derivação com o traço de Caso a ser verificado em algum ponto da estrutura;
- (59) D<sup>o</sup> carrega o traço-φ ininterpretável [*u*Pessoa [*u*Possuidor]], o qual é verificado pelo clítico, quando este se move para Spec-DP. Este traço é então verificado pelo clítico *lhe*, o qual carrega conjunto de traços-φ necessários para avaliar o traço-φ ininterpretável de D<sup>o</sup>;
- (60) a atribuição de Caso dativo ao clítico dá-se quando ele se move para Spec-DP. A verificação ocorre, então, quando o traço de Caso do clítico combina-se com o traço interpretável [*i*D] de D<sup>o</sup>.

Esta derivação é ilustrada graficamente pela configuração arbórea em (61) abaixo.

---

<sup>11</sup> Essa idéia esta em consonância com o que o que propõe o programa minimalista [ver Chomsky, 1995, 1998 e 1999; Pesetskey (2001), Adger (2003), dentre outros]. Adger (ibid:212), por exemplo, afirma que “*one member of the pair is interpretable and one is uninterpretable. More specifically, the interpretable member of the pair has always been the one with value*”. Ou ainda conforme Chomsky (tradução de Lobato, 1998:53-57): *A importância da distinção entre traços formais interpretáveis e ininterpretáveis não foi reconhecida até muito recentemente, no curso da atividade do programa minimalista. Ela parece ser central à configuração geral da linguagem. (...) traços formais ininterpretáveis são de fato o mecanismo que implementa a propriedade de deslocamento. (...) são exigidos como um mecanismo para satisfazer as condições de legibilidade impostas pela arquitetura geral da mente/cérebro, pelas propriedades do aparato de processamento e pelos sistemas do pensamento.*”

(61)



Notem que o traço interpretável [*iD*] presente no núcleo da categoria DP parece estar diretamente correlacionado com a natureza de (de)finitude do DP, de sorte que, quando temos um DP não definido, a interpretação de possuidor à estrutura fica comprometida e a sentença torna-se um tanto degradada, conforme abaixo:

- (62) ???? João lhe beijou uma mão.  
(63) ???? A mãe lhe cortou um braço.

Esse efeito de definitude que, na derivação em (61), permite a atribuição de Caso dativo ao clítico é muito paralelo ao que acontece com os CPs [+/-finito] das sentenças verbais. Conforme discutido em Rizzi (1997), CP/IPs finitos é que podem atribuir Caso nominativo. Seria assim a ausência desse traço que explicaria a estranheza dos dados em (62) e (63) e a agramaticalidade dos dados em (64) a (67) abaixo.

- (64) \*A mãe cortou-lhe unhas.  
(65) \*A mãe cortou unhas.  
(66) \*Viu-lhe filha.  
(67) \*Viu filha.

Por fim, resta-nos responder à questão formulada no início desta seção, sobre a razão pela qual o clítico se move em adjunção ao verbo e não permanece em SPEC-DP, após

checar seu traço de Caso e o traço- $\phi$  ininterpretável [*u*Pessoa [*u*Possuidor]] da categoria D<sup>o</sup>. Uma resposta para essa indagação pode ser encontrada se levarmos em consideração a teoria sobre clíticos adotada por Galves (2001:223), conforme a qual:

(68)

- (i) *os clíticos são feixes de traços pronominais (traços-phi), ou seja, em termos categoriais, correspondem à categoria [AGR];*
- (ii) *eles podem ser gerados diretamente em posições argumentais, sofrendo adjunção ao verbo em seguida e, nesse caso, temos a próclise. Eles podem também ser morfologicamente associados ao verbo antes do início da derivação e temos então a ênclise;*

Acompanhando essa proposta, poderemos dizer então que os clíticos<sup>12</sup> de posse do PB são, na verdade, manifestações de traços-phi. Isso é condizente com a idéia, que estamos defendendo, de que o clítico de posse codifica o traço-phi interpretável [*i*Pessoa [*i*POSSUIDOR]]. Adicionalmente, teremos que explicar por que o clítico<sup>13</sup> não permanece em Spec do DP, visto que essa posição não hospeda nem DPs plenos nem clíticos. Poderemos assumir, acompanhando Giorgi (1991), que essa posição nas línguas românicas não é licenciada por razões independentes.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de mudança do Português Brasileiro, descrito na seção 3, pode ser explicado como resultado de uma reanálise da categoria AGR cujo resultado foi o impedimento de alçamento de DP<sub>possuidor</sub>. Essa reanálise teria ocorrido no núcleo de AGR:

---

<sup>12</sup> Segundo Everett (1996): "*pronominal clitics, argument affixes and pronouns are epiphenomena, produced by insertion of PHI FEATURES into different syntactic position*".

<sup>13</sup> Ou ainda segundo a proposta de Alexiadou e Anagnostopoulou (1998:522), conforme a qual:

*"(...) one can view phi features as semantic features associated with particular morphemes, either pronouns/NPs or affixes. In strong agreement languages, affixes, being pronominal, have the semantic features which, in languages with weak agreement, are associated with pronouns"*

de AGR [PESSOA (POSSUIDOR) e EPP fraco para AGR [PESSOA (POSSUÍDO) e EPP forte. A concepção do traço PESSOA como feixe de traços tem a vantagem de permitir tratar como complementares as duas hipóteses sobre o conteúdo de AGR, apresentadas na seção 1: AGR conteria um traço semântico [R] de relação de POSSE e também traços formais de concordância (pessoa, gênero e número). O traço [R] seria, de fato, uma reunião dos traços formais [POSSUÍDO] e [POSSUIDOR], participantes do feixe de traços geralmente rotulado como [PESSOA].

#### **BIBLIOGRAFIA**

- ADGER, D. (2002) *Core Syntax: A Minimalist Approach*.
- AISSEN, J., (1996). Pied-Piping, abstract agreement, and functional projections in Tzotzil. *Natural language and Linguistic Theory* 14, 447-491.
- ALEXIADOU, A. et ANAGNOSTOPOULOU, E. (1998) *Parametrizing Agr: word order, V-movement and EPP Checking*. *Natural Language & Linguistic Theory* 16:491-539.
- ANAGNOSTOPOULOU, Elena.(1999) On Double Alternations and Clitics. University of Maryland (ms).
- AUTHIER, J.M. & REED, Lisa. (1992) On the syntatic status of French Affected Datives. *The Linguistic Review* .
- BARROS, Ev'Angela. (2005) *Expressão Clítica de Posse no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, UFMG, em andamento.
- BERLINCK, R. (s/d) Dativo ou Locativo? Sobre sentidos e formas do “dativo” no Português, Araraquara (ms).
- BERLINCK, Rosane. (1997) A. Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil. Comunicação apresentada no II CelSul, Florianópolis.
- BURZIO, L. (1986) *Italian Syntax*, Reidel, Dordrecht.
- CASTILLO, Juan Carlos. (2001) Thematic relation between nouns. University of Maryland, doctoral dissertation, ms.
- CHOMSKY, N. (1995) *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1998), *Linguagem e Mente*, Brasília: Ed. UnB, 2ª edição.
- \_\_\_\_\_. (1998) The minimalist inquiries: The Framework. *MIT Occasional Papers*, Cambridge, v. 15.
- \_\_\_\_\_. Derivation by phase. (1999) *MIT Occasional Papers*, Cambridge, .
- DUARTE, Fábio B. (2002) *Predicados ergativos*. Juiz de Fora: UFJF, ms.
- \_\_\_\_\_. (2003) *Ordem de constituintes e movimento em Tembê: minimalismo e anti-simetria*. Belo Horizonte, Tese de Doutorado, UFMG, 199 p,ms.
- \_\_\_\_\_. (2005) *Derivando estruturas com clítico de posse em Português*. Belo Horizonte: UFMG, ms.

- EVERETT, D. *Why there are no clitics. An alternative perspective on pronominal allomorphy*. SIL and University of Texas at Arlington, Publications in Linguistics 123, 1996
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. (19??) A perda do marcador Dativo no PB e algumas de suas conseqüências, ms.
- GALVES, C. (1998) *Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no Português Brasileiro*. Caderno de Estudos de Lingüística, 34: 19-31, Jan./Jun., Unicamp.
- GALVES, C. (1998) *Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no Português Brasileiro*. Caderno de Estudos de Lingüística, 34: 19-31, Jan./Jun., Unicamp, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1998) *A gramática do português brasileiro*, Línguas e Instrumentos Lingüísticos, São Paulo, Ed.Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2001) *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp.
- GIORGI, A. & LONGOBARDI, G.(1991) NP parametrization: the Head-Subject hypothesis. In GIORGI, A. & LONGOBARDI, G. *The Syntax of Noun Phrases*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GOMES, Christina A. (1996) *Aquisição e perda de preposição no português do Brasil*. Tese de Doutorado, UFRJ, dentre outros.
- GRAVUSEVA, E. (2000) On the Syntax of possessor extraction. *Lingua* 110: 743-772.
- GUEDES, M. E & BERLINCK, R. (Orgs.) (2000) *E os preços eram cômodos. Anúncios de Jornais Brasileiros - Século do XIX*. São Paulo, Humanitas.
- EVERETT, D. (1996) *Why there are no clitics. An alternative perspective on pronominal allomorphy*. SIL and University of Texas at Arlington, Publications in Linguistics 123.
- HORNSTEIN, N., Rosen, S. e Uriagereka, J. (1994). 'Integrals.' In Nunes, J., E. Thompson and S.Varlokostova, eds. *University of Maryland Working Papers in Linguistics 2*, pp. 70-90. College Park:Department of Linguistics.
- JAEGGLI, O. (1982) *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht: Foris.
- KAYNE, R. (1993). Toward a modular theory of auxiliary selection. *Studia Linguistica* 47: 3-31.
- \_\_\_\_\_. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge/Mass.: The MIT Press.
- Kato, Mary (1999) *Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter*. *PROBUS* 11: 1. 1-37.
- \_\_\_\_\_. (2000b) *A restrição de mono-argumentalidade da ordem VS no Português do Brasil*, Fórum Lingüístico 2: 1. 97-127.
- \_\_\_\_\_. (2002) *The reanalysis of unaccusative constructions as existentials in Brazilian Portuguese*. *Revista do GEL*, São Paulo, número especial, p. 157-184.
- LARSON, R. K. (1988) On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19(3):335-91.
- LEVIN, B. (1993) *English Verb Classes and Alternations*. Chicago: University of Chicago Press.
- LEVIN, B. and HOVAV, M. Rappaport (1995) *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*, Linguistic Inquiry Monograph 26, MIT Press, Cambridge, MA.
- LONGOBARDI, G. (1991) Extraction from NP and the proper notion of head government. In GIORGI, A. & LONGOBARDI, G. *The Syntax of Noun Phrases*. Cambridge. Cambridge University Press.

- MATOS, Gabriela & DUARTE, Inês. Clíticos e sujeito nulo em Português: para uma Teoria de pro. *Boletim de Filologia* XXIX, 1984, para o PE, e RAMOS, Jania (1992) para o PB.
- MIGUEL, Matilde. (1996) A Preposição *a* e os Complementos Genitivos. In A. Gonçalves et al. *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*. Lisboa, Colibri.
- PONTES, Eunice (1992) *Espaço e Tempo na Língua Portuguesa*. Campinas: Ática.
- RAMOS, Jânia (1992) *Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português Brasileiro*, Tese de Doutorado, Unicamp.
- RAMOS, Jania.(2000) Dativos de posse: o percurso diacrônico de perda de [aNP] pleno. Comunicação apresentada no CelSul. Curitiba.
- Rizzi, L. (1997) The fine structure of the left periphery. In: Haegeman, L. (Ed.). *Handbook of generative syntax*. Kluwer: Dordrecht.
- SPORTICHE, Dominique (1989) Le mouvement Syntaxique: contraintes et paramètres. *Langages* 95.
- SZABOLSCI, A. (1983) The possessor run away from home. *The Linguistic Review* 3:89-102.
- SZABOLSCI, A (1994) The noun phrase. In F. Kiefer and K. Kiss (eds) *Syntax and Semantics, vol.27; The Syntax of Hungarian*. New York: Academic Press, pp. 179-274.
- TORRES DE MORAIS, M.A.C. R. (2002) Rastreando aspectos gramaticais e socio-históricos do português brasileiro em anúncios de jornais do século XIX. In ALKMIM, T.M. (org.) *Para a História do Português Brasileiro*. Vol.III.São Paulo: Humanitas.
- PESETSKY, David e TORREGO, Esther. (2001) T to C movement: causes and consequences. In Michael Kenstowicz, ed., *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- URIAGEREKA, J. (1988) *On government*. Ph. D. Dissertation. University of Connecticut.
- URIAGEREKA, J. (1996) From being to having: questions about ontology from KAYNE/Szabolcsi syntax. *Working Papers in Linguistics, University of Maryland* 4: 152-172.